

# AS REPRESENTAÇÕES DO FEMININO NO PERÍODO COMPREENDIDO ENTRE OS SÉCULOS XVII AO XIX PELA ÓTICA DAS IMAGENS FILMÍCAS

GISLAINE A. VALADARES DE GODOY\*  
CÉLIO JUVENAL COSTA\*\*

## RESUMO

O presente texto visa apresentar os resultados parciais do estudo em andamento acerca das representações do feminino no período compreendido entre os séculos XVII ao XIX pela ótica das imagens fílmicas. O objetivo é investigar e analisar tais representações, a fim de verificar possíveis mudanças na autoimagem feminina na sociedade europeia do período em destaque. A investigação proposta tomou como objeto de estudo o cotidiano das mulheres europeias entre os séculos referidos, envolvendo nesse cotidiano, a formação destinada à elas, bem como suas atribuições na sociedade e as representações desta sobre o feminino. Para tanto, organizou-se o estudo e posterior análise da seguinte forma: revisão bibliográfica abordando a formação desenvolvida nos conventos, as atribuições femininas na sociedade da época e, por fim, análise de quatro filmes que retratam a temática (A Duquesa, Orgulho e Preconceito, A história de Florena Nightingale e Moll Flanders). Os resultados parciais do estudo, revelaram alguns indícios da mudança na autoimagem das mulheres e os possíveis agentes dessa modificação. São resultados pautados na revisão bibliográfica executada até agora.

**PALAVRAS-CHAVE:** Representações do feminino; Formação; autoimagem feminina.

## ABSTRACT

the present text aims to present the partial results of the study in progress about the representations of the feminine in the period between the 17th and 19th centuries from the perspective of the cinematic images. The objective is to investigate and analyze such representations in order to verify possible changes in female self-image in the European society of the period in focus. The proposed

---

\* Doutoranda pelo Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Estadual de Maringá e professora no Departamento de Pedagogia da mesma instituição. E-mail: [gi.valadares@hotmail.com](mailto:gi.valadares@hotmail.com)

\*\* Professor Doutor do Programa de Pós-Graduação em Educação e do Departamento de Fundamentos da Educação da Universidade Estadual de Maringá. E-mail: [celio\\_costa@terra.com.br](mailto:celio_costa@terra.com.br)

research took as its object the study of the daily life of European women between the centuries mentioned, involving in this daily life, the formation destined to them, as well as their attributions in society and the representations of this on the feminine. Therefore, the study was organized and analyzed as follows: a bibliographical review addressing the formation developed in convents, the feminine attributions in the society of the time and, finally, analysis of four movies that portray the theme (*The Duchess*, *Pride and Prejudice*, *The Story of Florena Nightingale* and *Moll Flanders*). The partial results of the study revealed some signs of the change in the self-image of women and the possible agents of this change. These results are based on the bibliographic review carried out so far.

**KEY-WORDS:** Representations of the feminine; Formation; Female self-image.

## INTRODUÇÃO

O presente texto visa apresentar os resultados parciais do estudo em andamento acerca das representações do feminino no período compreendido entre os séculos XVII ao XIX pela ótica das imagens fílmicas. O objetivo proposto para esse estudo foi de investigar e analisar tais representações, a fim de verificar possíveis mudanças na autoimagem feminina na sociedade europeia do período em destaque.

A ideia foi de identificar se essa mudança ocorreu e, em especial, como se processou, procurando evidenciar os prováveis agentes ou elementos que contribuíram para essa modificação e, por conseguinte, na construção de uma nova concepção de mulher distinta do modelo estabelecido nos séculos anteriores.

Na investigação proposta, tomou-se como objeto de estudo o cotidiano das mulheres europeias entre os séculos referidos, envolvendo nesse cotidiano, a formação destinada à elas, bem como suas atribuições na sociedade e as representações desta sobre o feminino.

Para dar conta do proposto, organizou-se o estudo e posterior análise da seguinte forma: revisão bibliográfica abordando a formação desenvolvida nos conventos e recolhimentos, as atribuições femininas na sociedade da época e; na sequência, análise de quatro filmes que retratam a temática (*A Duquesa*, *Orgulho e Preconceito*, *A história de Florena Nightingale* e *Moll Flanders*). Por fim, apresentamos os resultados obtidos até o momento do estudo e algumas considerações parciais acerca das conclusões desenvolvidas por hora.

Como a pesquisa ainda encontra-se em andamento, não sendo possível concluí-la nesse momento, os estudos localizam-se nos resultados obtidos a partir da revisão bibliográfica, revelando, portanto, apenas alguns pontos que fundamentam a discussão em curso. Isto é, assoalham que, ao longo do tempo, com as transformações sociais no campo da economia, com o desenvolvimento da medicina, apresentando novas concepções acerca da anatomia feminina e com o surgir da indústria, houve uma redefinição dos papéis no núcleo familiar, conforme afirma Vaquinhas (2011), alterando, de certa forma, não apenas a concepção de mulher da sociedade<sup>1</sup> mas também, atribuindo-lhes novas funções, em especial no mercado de trabalho que se abre com o desenvolvimento industrial; atrelado à esses aspectos, ocorre também a possibilidade de melhoria na formação intelectual feminina, reposicionando sua representação social e, dando-lhes elementos para a construção de uma nova consciência quanto a si própria.

São esses resultados preliminares que apresentamos apenas com a intenção de instigar estudos acerca dessa temática e promover algumas reflexões sobre representações do feminino, bem como identificar possíveis mudanças na representação feminina na sociedade de fins do século XVIII e século XIX.

## **A IMAGEM DA MULHER NOS SÉCULOS XVII AO XIX: BREVE TRAJETÓRIA HISTÓRICA**

Tratar da imagem feminina sem correr o risco de estagnar na diferença de tratamento entre os sexos, ou sem focar na ideia de submissão e fragilidade da mulher descrita pela literatura de cunho histórico, ou ainda sem cair no oposto extremo dos movimentos feministas exacerbados; é tarefa difícil. Isso porque a maior parte dos estudos que tratam da condição da mulher na sociedade em qualquer período, ou que discutem as conquistas femininas, ou papel social das mulheres, esbarra em uma das situações apontadas acima. Todavia, isso não significa que não haja outros estudos que buscam discutir as questões femininas por outro viés, isto é, abordando formação, a participação política, poder de sua influência junto aos homens, etc. Ou ainda, que as discussões já realizadas nessas perspectivas não tenham apresentado contribuições para a história das mulheres. O que se busca sinalizar aqui é que essas discussões, embora tenham contribuído para a

---

<sup>1</sup> Século XIX.

história feminina, acabam, de certo modo, “reduzindo” as reflexões em torno da questão da capacidade ou não das mulheres, ou da submissão ao suposto poderio masculino.

Daí, a necessidade de cautela ao tratar da mulher, seu cotidiano, sua função social ou da educação destinada à ela. Cautela para evitar a repetição dessas situações, ou pelo menos a minimização disso, possibilitando assim, uma reflexão pautada no entendimento da mulher enquanto sujeito histórico que assume atribuições e desempenha papéis conforme as necessidades e exigências de uma dada organização social, a partir de concepções vinculadas à classe dirigente inserida na relação sociedade-civilização-economia. Desse modo, o que se propõem aqui é a busca do entendimento quanto as representações que a sociedade realiza da mulher, bem como se há ou houve uma modificação na imagem que a sociedade tem da figura feminina e, em especial, da auto imagem da mulher. E, ainda, se a mudança supostamente ocorrida, teria agentes e/ou elementos que teriam influenciado o campo social na (re)construção dessa imagem.

Assim, entende-se que uma discussão que busca uma reflexão no sentido aqui exposto, para alcançar seu objetivo deve estar despida de pré-conceitos acerca das concepções de mulher, do feminino, da sua capacidade e mesmo da imagem que a sociedade projeta sobre o sexo feminino. Deve ainda, estar pautada em uma análise que considere o sujeito “mulher” e, não um indivíduo situado apenas na condição vinculada a construção ideológica do seu sexo.

Dessa maneira, para que haja o desprendimento necessário para tratar da questão proposta, optou-se por iniciar essa breve trajetória da imagem feminina a partir do significado da palavra ‘mulher’ descrito em dicionários e, em um estudo apresentado pelo professor Pontes e seu orientado de pós-graduação da Universidade Estadual do Ceará em 2014 acerca da definição de mulher apresentada pelos dicionários. Entretanto, vale ressaltar que dicionários são elaborados a partir de construções históricas e culturais de uma dada sociedade em determinadas épocas, podendo ser atualizados sempre considerando essas circunstâncias. Isto significa dizer que, as definições apresentadas não estão completamente despidas das concepções sociais do contexto em que foram escritas. Entretanto, para esse estudo, a definição apresentada servirá apenas como ponto de partida para visualizar a mulher enquanto sujeito, na perspectiva de alguém que, recebe e desenvolve papéis dentro de uma organização social.

Segundo Borba (2002, p. 1068) *apud* Pontes e Santos (2014, p. 136):

**[mulher]** *Nf* 1 ser humano do sexo feminino: mantido o limite para a puberdade para o homem aos quatorze anos e para a mulher, aos doze (AE); olhou para o centro do palco, vendo um corpo de mulher tombado no chão (BB) 2 mulher na idade adulta ou moça que atingiu a puberdade: Um homem e uma mulher, dentro de uma tenda, no meio do mato? (ANB); minha filha, já estás uma mulher (BN) 3 esposa: Acaso ela é minha mulher, minha esposa? (A); marido e mulher discutiam como chamar a menina a nascer (ANA) 4 parceira sexual do homem: às vezes pensava até em procurar outra mulher (AFA); conhecer aquela que seria a primeira mulher de sua vida (BB).

Pontes e Santos (2014) acerca da definição de Borba (2002), afirmam que “[...] dos enunciados definitórios do verbete acima, é possível destacar os seguintes traços semânticos: 1. ser humano; 2. sexo feminino; 3. idade adulta; 4. entrada na puberdade; 5. esposa e 6. parceira sexual”. (2014, p. 136). A partir disso, parafraseando os autores, podemos afirmar que, a definição de ‘mulher’ pode ser expressa como sendo: ser humano do sexo feminino em idade adulta; que teve sua primeira menstruação; esposa e parceira sexual em potencial. Ou seja, o conceito de mulher está vinculado aos aspectos biológicos, definidos inicialmente ainda no período medieval e ao seu papel na estrutura familiar construído historicamente pelas necessidades da edificação da sociedade pautada nos parâmetros de micro-celula da própria sociedade, com definição de papéis e atribuição de encargos para a manutenção e funcionamento dela própria, visando ainda seu progresso cultural e econômico. Assim como, na definição de homem, também apresentada pelos mesmos autores ao citarem Borba (2002), demonstram que este também é definido a partir dos mesmos aspectos, ainda que em seu verbete apareça mais traços semânticos que na definição de mulher.

**homem** *Nm1* ser humano em geral; indivíduo da espécie humana: O pequeno deus que há no homem (OAQ); Chegou-se inclusive à data precisa do aparecimento do homem: ele teria nascido há 200.000 anos, de uma mulher muito propriamente chamada de Eva (SU) 2 ser humano do sexo masculino: é muito feio, tanto para homem como para mulher! (FEL); a mulher pode vencer o homem nos esportes? (REA) 3 a humanidade: Por isso, ele que era meio grego, foi para uma ilha grega, escrever em grego a última tragédia do homem (SPI); É a cidade dos grandes monumentos criados pelo homem desde o século

XI (CLA) **4** o ser humano como criatura de Deus, com dualidade de corpo e espírito e com as virtudes e fraquezas daí decorrentes; ser mortal: Senhor meu Jesus Cristo, Deus e homem verdadeiro, Criador e Redentor meu (OSA); a primeira expressão de grande amor que se conhece, foi (é) o ato divino, criando o homem e o universo, segundo se lê no Gênesis (EM) **5** marido ou amante: morreu um homem meu e ninguém me avisa (SO); o meu homem, o falecido Capitão Rodrigo, um dia chegou pra passar a noite na vila e ficou aqui o resto da vida (TV) **6** pessoa; indivíduo: não era homem de meio-termo (VIS); Zumbi não era homem de voltar pro dono dele, para levar de chicote, ser encanado em cadeia pior que a de hoje ainda (PM) **7** pessoa de quem se trata especificamente: muito ao contrário, para nós importa bem mais fornecer ao nosso homem condições de multiplicar o esforço (DP) **8** o ser humano do sexo masculino em idade adulta; homem feito: ele já é um homem (MD); mas agora, já homem, Valdemar via-os de maneira diferente... (COT) **9** modo de interpelar alguém: – Fale, homem! – instou o padre (ALE); – Fala, homem, o que está acontecendo? (ATR) [Classif: de+nome humano] **10** aquele que executa com absoluta fidelidade as ordens de alguém: todos contra o ditador, menos o Salgado, que era homem de Getúlio (FSP); você que é o meu homem de confiança desligue-me, e dê energia, força (VO) \_ Adj **11** macho; corajoso: Vai bancar homem pra cima de mim? (BA); Esse padre é muito homem (GCC) \_ homem com agá maiúsculo homem de verdade; macho: pode ser até que ele não seja nem mesmo homem com agá maiúsculo (RAP) (BORBA, 2002, p. 818).

É possível afirmar que, tanto o homem quanto a mulher, são definidos não pelo sexo que possuem, embora isso apareça na definição, mas pelo papel que desempenham na sociedade. A questão do sexo é apenas para classificar os seres humanos, isto é, “[...] sexo é o conjunto de características estruturais e funcionais segundo o qual um ser vivo é classificado como macho ou fêmea”. (BORBA, 2003, p. 1281). Daí, a definir as atribuições de cada um segundo seu sexo, é uma construção histórica e social considerando as características físicas e emocionais de cada sexo. Portanto, a ideia de que existe o sexo fraco e o sexo forte, é resultado de uma construção histórica que teve como aporte teórico inicial as características físicas, biológicas e psicológicas de cada sexo diante da necessidade de executar determinadas tarefas nas organizações sociais em cada período. Nada tendo a ver com a capacidade intelectual de cada um, muito embora a medicina medieval apresentasse um conceito de intelectualidade mais baixo para as mulheres devido questões de anatomia ainda em entendimento àquela época.

Dessa forma, é possível afirmar que a posição que as mulheres ocuparam e ocupam na sociedade não foi designada de forma pejorativa, foi designada segundo necessidades sociais de cada tempo. O discurso para justificar esse movimento é que sofreu distorções, gerando uma imagem, por vezes negativa da mulher, caracterizando-a com um ser inferior, mais fraco ou incapaz de determinadas tarefas. Agora, como e por que esse discurso se apresentou dessa forma, é outra situação a se investigar. Todavia, não é objetivo desse estudo averiguar isso. Aqui, a intenção é compreender<sup>2</sup>, como ocorreu uma modificação na representação que as sociedades apresentaram das mulheres e, mais, como se deu uma mudança na autoimagem feminina, possibilitando à elas o poder de escolha dos seus caminhos e posicionando-as politicamente nos processos de tomada de decisão nas sociedades em que estavam inseridas.

Segundo Hatherly (1996), a condição de vida e o cotidiano da mulher no período compreendido entre o século XVII e metade do XVIII, não foi estudada de forma cabal. Talvez seja porque, segundo algumas obras, o espaço destinado às mulheres era o espaço privado; do lar e, a 'vida' nesse período ocorria fora desse espaço. Todavia, essa é uma visão estreita, pois no período barroco a mulher desempenhou outros papéis além dos conhecidos (esposa, mãe, filha). A mulher barroca é também

[...] heroína: dama ou cortesã, intelectual, artista, mística ou até santa, demonstra por vezes sua capacidade de afirmação pessoal e mesmo uma espécie de proto-consciência-de-classe, antecipando claramente o feminismo moderno. (HATHERLY, 1996, p. 270).

É possível dizer, diante dos apontamentos da autora citada acima que, para as mulheres que ultrapassaram as paredes do lar, um dos aspectos dominantes é, como afirma Hatherly, o modo como tomaram a palavra, como falaram, leram, escreveram e publicaram; projetando, a partir disso, a sua imagem na sociedade do seu tempo.

Entretanto, para tratar dessa projeção feminina na sociedade europeia do período, é preciso considerar o contexto político, social, econômico e principalmente religioso da época. A sociedade estava

---

<sup>2</sup> Mesmo com a existência desse discurso imperando na literatura, em algumas obras e mesmo, devido as circunstâncias que envolveram as sociedades ao longo do tempo fortalecendo essa imagem "negativa" das mulheres e, por conseguinte provocando uma certa restrição na participação das mulheres nas sociedades em que estavam inseridas, em especial a do período em destaque para estudo.

dividida em duas grandes áreas: de um lado encontravam-se os seculares e, de outro os religiosos. Sendo o número de religiosos um montante elevado no século XVII. Só em Lisboa havia 26 conventos masculinos e 15 femininos. Esse número elevado de religiosos é que conduziu às irregularidades de comportamento moral que, durante tal período estigmatizaram uma época.

Esse número de religiosos não se dava puramente pela vocação religiosa, mas também, por vários outros motivos. A motivação tinha origem social, definida pelas leis de morgadio<sup>3</sup>, pela crise econômica derivada do expansionismo colonial, pelas aprazadas guerras de independência entre outras razões. Todos esses motivos e muitos outros faziam com que, aos olhos das pessoas, o convento representasse uma saída para numerosos problemas. Isso significa dizer que, a vida religiosa era, nas palavras de Hatherly (1996, p. 271),

[...] uma carreira, que homens e mulheres abraçaram por vocação, por necessidade ou por imposição da família ou de circunstâncias de várias de natureza adversa. Era uma profissão que garantia proteção e prestígio, desde que se cumprissem as regras.

A sociedade da época ainda apresentava uma outra grande divisão social que, dizia respeito à instrução. Privilégio dos religiosos, nobres e burgueses endinheirados. O povo era analfabeto. Para as pessoas que compunham essa classe social, a transmissão da cultura era feita por via oral.

Nesse quadro social, notoriamente estratificado, a situação da mulher poderia variar dependendo do acesso que ela viesse a ter a cultura. Pois, as mulheres que tinham acesso a cultura, eram aquelas que conseguiam projetar-se na sociedade de alguma forma. Assim, as nobres e as burguesas, dependendo dos interesses familiares, poderiam ser instruídas. Se religiosas fossem, poderiam aceder aos mais altos cargos dentro da hierarquia do seu convento e da sua Ordem.

---

<sup>3</sup>O **morgado** ou **morgadio** é uma forma de organização familiar que cria uma linhagem, bem como um código para designar os seus sucessores, estatutos e comportamentos. No regime de morgadio os domínios senhoriais eram inalienáveis, indivisíveis e insusceptíveis de partilha por morte do seu titular, transmitindo-se nas mesmas condições ao descendente varão primogênito. Assim, o conjunto dos bens dum morgado constituía um vínculo, uma vez que esses bens estavam vinculados à perpetuação do poder econômico da família de que faziam parte, ao longo de sucessivas gerações. Esta instituição vincular tem origem na legislação castelhana e, embora seja adotada pelo reino de Portugal antes, só entra na legislação portuguesa com as Ordenações Filipinas de 1603. (NEPUCENO, 2010).

Talvez por isso e, também por representar uma alternativa de vida melhor que a vida em família ou matrimônio que, a vida no convento parece ter sido, em muitos casos, a melhor opção. O fato é que, seja qual for o motivo que conduzia as mulheres ao convento, este e a instrução que recebiam lá, pareceu ser uns dos agentes na mudança da representação do feminino.

Os conventos e a instrução ofertada neles produziram grandes intelectuais, poetisas, escritoras e pintoras. Algumas com projeção social significativa, como foi o caso de Leonor de Almeida Portugal de Lorena e Lancastre – Marquesa de Alorna (1750-1839) que, destacou-se como poetisa na sociedade portuguesa. Leonor revelou-se uma grande intelectual, leitora e admiradora de filósofos como Voltaire e Rousseau. Seus escritos demonstravam uma leitura crítica da sociedade lisboeta de seu tempo. Suas falas questionavam a organização social e o espaço destinado às mulheres. Idealizava uma educação feminina que permitisse às mulheres perceberem seu potencial intelectual e sua força moral. Como ela, outras mulheres se destacaram e, possibilitaram a visualização da mulher enquanto um agente significativo no progresso da sociedade burguesa.

Dentro e fora do convento, as mulheres dos séculos XVII e XVIII, beneficiaram-se, como afirma Hatherly (1996) da ressonância que na Europa teve do movimento das *Précieuses francesas*.<sup>4</sup> Desde a Renascença e, mais especificamente como aparecimento das Academias, a mulher começou a criar um espaço para ela no universo das letras.

Em Portugal, o eco das *Précieuses* estimulou sem dúvida o aparecimento da mulher intelectual, especificamente da mulher-autora, que passou a despertar a atenção e até o respeito da sociedade dos homens. Os elogios de que foram alvo no século XVII por exemplo, Bernarda Ferreira de Lacerda e Sórora Violante do Céu, são significativos, e mesmo o misógino D. Francisco Manuel de Melo não pôde deixar de lhes reconhecer verdadeiro mérito, citando-as no seu Hospital das Letras (apesar de ter declarado: Deus nos livre de mula que faz him e de mulher que saiba latim...). (HATHERLY, 1996, p. 277).

---

<sup>4</sup>Foi um movimento social oriundo das conversações e dos alegres jogos de palavras das **les précieuses** (O estilo literário denominado **preciosismo** (*préciosité* em francês), pelas espirituosas e bem-educadas damas que freqüentavam os *salons* da Marquesa de Rambouillet; a sua *Chambre bleue* (o "quarto azul" do seu *hôtel particulier*, o Hôtel de Rambouillet) oferecia um refúgio parisiense às perigosas intrigas políticas e às maneiras rudes da corte francesa durante a menoridade de Luís XIII. (HOWARD, 1994)

Os conventos contribuíram muito para isso, pois

[...] livres do peso do matrimônio e da maternidade, poderiam desenvolver e aprofundar as suas capacidades intelectuais, como se pode verificar na produção artística e literária inventariada no conhecido dicionário de mulheres ilustres intitulado *Theatro Heroína*, que Damião de Froes Perim publicou em 1740, e nas muitas obras impressas e manuscritas escritas por religiosas que chegaram até nós. (HATHERLY, 1996, p. 275).

Assim, é possível afirmar que, tomando como exemplos as mulheres escritoras, pelo volume e elevado nível de suas obras e, em especial pela aceitação que alcançaram na época, demonstram como a sociedade ‘passou’ a representa-las de forma diferente da que se tinha até então, reservando-lhes um espaço maior na coletividade social.

Pelo fato de maior parte delas serem freiras, suas obras despertaram tanto entre os religiosos quanto entre os seculares, grande admiração, uma vez que a condição de religiosa as protegiam e resguardavam das contrariedades do mundo e do peso da família e suas responsabilidades. Pois, como conta HATHERLY (1996, p. 279):

Libertas da autoridade masculina sobre o seu corpo, essas mulheres criadoras puderam entregar-se à expressão da sua sensibilidade, acabando por criar uma autonomia que lhes conferiu um lugar único na sociedade do seu tempo e na história da cultura de todos os tempos.

Esse movimento das mulheres, ou seja, como se apropriaram da palavra em seus escritos, mesmo que talvez conscientemente não tivessem pretendido fazê-lo, individualizou-as, libertando-as das limitações impostas pelas atribuições sociais feitas ao seu sexo. Dessa forma, acabaram ultrapassando a sua própria condição em um tempo em que às mulheres era contestado o direito à afirmação pessoal, provavelmente em função do necessário papel atribuído à elas naquele período.

Todavia, foi no século XIX que os direitos da mulher começaram a fazer parte do cenário social europeu. A história da condição feminina, no decorrer desse século conheceu importantes modificações estruturais cujos efeitos são percebíveis na contemporaneidade. Efeitos como: a incorporação ao mercado de trabalho fora do espaço doméstico, a autonomia civil, o direito a

instrução, o nascimento dos 'feminismos'. O século XIX , em especial a segunda metade, reservou algumas boas surpresas às mulheres, como aponta Vaquinhas (2011, p. 19):

[...] o século XIX, sobretudo a segunda metade, introduz mudanças significativas, esboçando-se o conflito entre a tradição e a modernidade. Um tempo em que se tornará possível para a mulher assumir-se como sujeito, indivíduo de corpo inteiro, futura cidadã. Apesar da extrema codificação da vida quotidiana feminina abrem-se novas possibilidades e a aventura deixa de ser uma miragem.

Entretanto, a mesma autora alerta para o fato de que essa realidade não era para todas as mulheres. Era apenas para aquelas de origem burguesa ou aristocrática. Isto é, para aquelas que possuíam recursos econômicos suficientes para impor sua vontade, afrontando a reprovação social. A maior parte das mulheres não conseguiram ir além das suas lamentações em anotações de diários íntimos. Mas, vale ressaltar que, se a presença de recursos econômicos na vida daquelas que foram mais longe, foi uma ferramenta capaz de abrir tal espaço para elas; significa que a motivação para a restrição a auto afirmação feminina e para a possibilidade de escolhas delas está vinculada, como também afirma Vaquinhas (2011, p. 20) A necessidade de segurança, que caracterizava a burguesia”, e também por conta do receio de mudança que, travaram a ação feminina na sociedade.

Jean Paul Aron em sua obra *Miserável e gloriosa* de 1984 resume bem a situação feminina no século XIX. Segundo ele, como afirma Vaquinhas (2011, p. 20):

[...] a ambiguidade da situação feminina nesse momento, dividia-se entre a tradição e a modernidade, entre a resignação e o inconformismo, a submissão e o desejo de liberdade. Representações que legaram ao sexo feminino a condição de ser, simultaneamente, passiva, mas capaz das paixões mais sanguinárias e, de ser uma criatura física e intelectualmente inferior; porém dotada de um poder magnífico, o da procriação.

Essa dicopodia, a que, de acordo com Vaquinhas (2011), o positivismo dará seu aval científico, provocou o assentamento de uma acanhada repartição dos espaços e dos papéis sociais atribuídos aos dois sexos, ou seja, aos homens e mulheres. Sendo que, aos homens couberam os espaços públicos e as funções produtivas, e às mulheres, os espaços privados e a reprodução.

Diante dessas considerações, e do estudo realizado até o presente momento<sup>5</sup>, pode-se aferir que as representações do feminino na sociedade organizada entre os séculos XVII ao XIX, repousam nas necessidades econômicas e sociais do período, tendo pouco a ver com a questão sexual, no sentido de gênero. As diferenças entre os sexos existiam e existem, mas a questão da imagem de cada sexo não pode se restringir as construções pautadas na diferença sexual em um sentido pejorativo que desclassifique a mulher. Esse discurso ou imagem negativada das mulheres, possivelmente, foi construído a *posteriori* do momento em que se estabeleceu a divisão de papéis. Ou ainda, foi construído como um mecanismo para procrastinar a situação feminina nesse contexto a fim de se obter uma margem de segurança na consolidação daquela organização social tão carente de divisão de tarefas e estratificação social para sua sobrevivência, sobretudo, econômica.

## RESULTADOS E DISCUSSÃO

Os resultados que ora se apresenta, são apenas parciais. A investigação propôs analisar as representações do feminino por meio da ótica fílmica, apoiada, obviamente em um referencial teórico. Até o presente momento, foi possível apenas o estudo desse referencial e um superficial contato com os filmes selecionados para o estudo. Não sendo, portanto, realizada a análise das imagens fílmicas e associação entre o referencial e tal análise para fechar a pesquisa e comprovar as hipóteses levantadas<sup>6</sup>.

Dessa forma, o que esse texto apresentou são os resultados parciais do estudo, isto é, apenas nossas considerações acerca das representações do feminino na sociedade dos séculos XVII ao XIX, bem como alguns indícios da mudança na auto imagem das mulheres e os possíveis agentes dessa modificação. São resultados pautados na revisão bibliográfica executada até agora.

A pesquisa continuará em andamento, pretende-se analisar as imagens fílmicas selecionadas e discuti-las considerando nossas observações e o referencial teórico utilizado como aporte para as investigações, a fim de chegarmos a uma conclusão que, por ser

---

<sup>5</sup> Isso porque a pesquisa está inconclusa e terá continuidade, esse texto é apenas um relatório parcial dos resultados obtidos até esse ponto das investigações.

<sup>6</sup> O estudo encontra-se em andamento e continuará por um período de doze meses.

subjetiva, não pretende ser definitiva nem tomada como verdade absoluta. Pretende apenas, contribuir com as reflexões em torno da história das mulheres, seu cotidiano e função social.

Os estudos partiram da busca por uma definição da palavra 'mulher' em uma tentativa de escapular das discussões historiográficas, que tomam a condição feminina descrita de forma pejorativa. Isso porque, nesse momento não interessava nos uma reflexão em torno dessa perspectiva e sim, a possibilidade de compreender as representações sociais das mulheres a partir do entendimento de que elas, são na verdade, sujeitos históricos imersas em uma realidade social permeada por necessidades e exigências que, em um dado momento, definiu atribuições aos seus membros (homens e mulheres), tomando como requisito para determinação dos papéis as possibilidades de contribuição que cada sujeito poderia ofertar para o progresso e manutenção dessa organização.

Entretanto, não descartamos a ideia que na atribuição de encargos, considerou-se as características conhecidas de cada sexo até aquele momento. Também, não descartou-se o discurso construído historicamente para justificar e manter tal atribuição. Apenas não caminhamos pelo viés da reflexão em torno da submissão feminina, das afirmações quanto a capacidade reconhecida ou não das mulheres para desempenhar outros papéis diferentes dos que lhes foram atribuídos. E, não fizemos isso, porque observamos que, se dirigíssemos um outro olhar para essa mesma situação, poderíamos notar que as coisas não eram bem assim. Que as mulheres, ainda que não em sua maioria, encontravam meios para escolherem seus caminhos, se posicionando e modificando, de certa forma, sua imagem na sociedade, tornando-se, inclusive peça fundamental para sua manutenção e desenvolvimento.

Com base nessa hipótese, buscou-se identificar se isso acontecia e quais seriam as ferramentas utilizadas para esse movimento. Assim, com as leituras dos escritos de Vaquinhas (2011), Hatherly (1996), Silva (1982), Barbato e Caixeta (2004), Leite (1989), Pontes e Santos (2014) e Borba (2002) nos foi possível identificar uma mudança na condição feminina expressa claramente no século XIX. Tal mudança possibilitou uma busca pela forma como teria ocorrido, as quais mulheres teriam atingido e, qual seria o novo perfil feminino que começava a se construir diante dos olhos da sociedade europeia, mesmo o discurso da fragilidade feminina persistir entre as pessoas daquele tempo.

Notou-se que, no século XIX, conforme apontou Vaquinhas (2011), as mulheres começaram a assumir-se como sujeito, indivíduo, dona de suas vontades e capazes de realizarem suas próprias escolhas. Se apresentaram a sociedade como escritoras, poetisas, artistas vinculadas a pintura e a música. Se instruíram e começaram a se construir enquanto futuras cidadãs. Isso tudo, em nosso entendimento, foi possível graças ao acesso a instrução dentro dos conventos, da possibilidade de proteção que esses locais ofertavam as mulheres e, a relativa autonomia que proporcionavam à elas. Resguardando-as da família e de matrimônio e suas respectivas responsabilidades. Entendemos, portanto, que, ainda de forma indireta e não intencional, os conventos e a vida que proporcionavam as reclusas, favoreceram essa mudança no perfil feminino e, conseqüentemente as representações sociais projetadas sobre as mulheres, reservando, a princípio de maneira tímida, um novo espaço social.

Esse movimento, ainda que em proporções pequenas, já que não atingia a todas as mulheres e, sim apenas as que dispunham de recursos econômicos ou aristocratas, provocou ainda, uma mudança na autoimagem feminina, possibilitando às mulheres esse reconhecimento enquanto sujeito de sua própria história.

Ao dar continuidade aos estudos, acreditamos que esse entendimento venha a se alargar e a se aprofundar, pois teremos mais elementos para reafirmar nossa hipótese parcialmente comprovada pelas leituras e considerações realizadas até aqui. No prosseguir da investigação, observaremos por meio das imagens fílmicas a representação da sociedade acerca das mulheres. Os filmes a serem analisados retratam o período histórico em destaque e, apresentam mulheres que empreenderam papéis importantes na sociedade e, se impuseram enquanto sujeitos históricos. Dessa forma, o que se pretende é somar as representações observadas nos filmes às considerações realizadas por meio do referencial teórico, a fim de contribuirmos com as reflexões acerca da construção da mulher enquanto sujeito, indivíduo capaz de realizar suas escolhas e de viver com elas.

## **CONCLUSÃO**

O texto procurou revelar parte dos resultados obtidos acerca do estudo sobre as representações do feminino no período compreendido entre os séculos XVII ao XIX, envolvendo o cotidiano das mulheres reclusas e da formação destinadas à elas. Bem como,

das mudanças ocorridas na imagem das mulheres na sociedade em que estavam inseridas.

A proposta da investigação envolvia uma análise de imagens fílmicas que retratassem a vida e o papel das mulheres na sociedade do período histórico em destaque, além é claro, de uma revisão bibliográfica que ofertasse suporte teórico aos estudos. Todavia, como já mencionado no item anterior desse artigo, ainda não foi possível concluir os estudos sendo apresentado aqui, apenas as considerações realizadas acerca da temática proposta.

Assim, até o momento concluímos que o discurso acerca das restrições impostas as mulheres na época em estudo, se construiu como um mecanismo de procrastinação de uma organização social que, definiu papéis, funções e atribuições aos seus membros, homens e mulheres. Determinando a cada um dos sexos, suas atribuições conforme necessidade e exigência da sociedade (burguesa) da época.

Definir tais atribuições femininas como restrições na atuação na sociedade seria um pouco ingênuo, pois foi possível visualizar que, os papéis estavam definidos pela segurança que a sociedade burguesa necessitava, bem como pelos seus interesses econômicos e sociais. A questão do sexo, suas diferenças e características foram apenas pré-requisitos para definição das atribuições. O discurso construído em torno disso é que teve outras interpretações e, talvez motivações.

O fato é que as representações do feminino no período estudado contou com mudanças na concepção de mulher e possibilitou uma modificação em sua auto imagem, permitindo assim o início da construção de um novo perfil de mulher com novas atribuições sociais.

Fica para a próxima etapa de estudo, o alargamento dessa ideia.

## REFERÊNCIAS

ARON, J.P., **Misérable et gloreuse** – La femme du XIX siècle, Paris: Éditions Complexe, 1984.

BARBATO, S. e CAIXETA, E, J. **Identidade feminina – um conceito complexo**. In: Revista Paideia, 2004, 14 (28), pp. 211-220.

BORBA, Francisco da Silva. **Dicionário de usos do português do Brasil**. São Paulo: Ática, 2002.

\_\_\_\_\_. **Organização de dicionários:** uma introdução à lexicografia. São Paulo: Editora UNESP, 2003.

CARVALHO, M. J. L. **Marquesa de Alorna:** do cativo de Chelas à corte de Viena. 1ª. edição. Lisboa: Oficina do Livro, 2011.

HATHERLY, A. **Tomar a palavra aspectos de vida da mulher na sociedade barroca.** In: Revista da Faculdade de Ciências Sociais e Humanas, n° 9, Lisboa, Edições Colibri, 1996, pp. 269-280.

Howard, Patricia, "**Quinault, Lully, and the Precieuses: Images of Women in Seventeenth-Century France.**" in *Cecilia Reclaimed: Feminist Perspectives on Gender and Music* ed. Susan C. Cook e Judy S. Tsou, editores, pp 70-89. Urbana: University of Illinois Press, 1994.

NEPOMUCENO, R., **Uma Perspectiva da História da Madeira.** Lisboa: O Liberal,2010, p. 225, ISBN 978-972-8684-87-7.

LEITE, M.M.L. **Mulheres e famílias.** Revista Brasileira de História,1989, 9(17), 143-178.

PONTES, A. L. e SANTOS, H. L. G. **A representação do homem e da mulher no dicionário de usos do português do Brasil.** Linha D'Água (Online), São Paulo, v. 27, n. 2, p. 123-140, dez. 2014.

SILVA, J. G. **A situação feminina em Portugal na segunda metade do século XVIII.** In: Revista de História das Ideias, Volume 4 – Tomo I, 1982, pp. 143 -166.

VAQUINHAS, I. **“Senhoras e Mulheres”** na sociedade portuguesa do século XIX. 2ª. edição. Lisboa: Fernando Mão de Ferro,2011. - (Colibri história; 22).

Recebido em 16/09/2017

Aprovado em 31/11/2017